

A crítica literária e a função da teoria: reflexão em quatro tempos

Rafael Guimarães Tavares da Silva*

A crítica literária e a função da teoria: reflexão em quatro tempos – volume organizado por Nabil Araújo, professor da UERJ, e com elegante tratamento editorial pelo Laboratório de Edição da FALE/UFGM (que o disponibiliza também em versão virtual) – chega para oferecer uma instigante arena de debates acerca de temas fundamentais para os Estudos Literários na contemporaneidade. Com textos de especialistas de renomadas universidades brasileiras, o livro parte de uma discussão no interior dos campos básicos do conhecimento literário – a saber, a teoria e a crítica –, problematiza seus limites, desdobra suas considerações e avança uma série de proposições incontornáveis para os estudiosos da área.

Cinco textos compõem o volume. O primeiro deles, escrito por Nabil Araújo à guisa de introdução – na medida em que parece não fazer parte dos “quatro tempos” a que se refere o subtítulo –, dá o mote que guiará em grande parte a discussão subsequente: Que fim levou a teoria da crítica literária? Tal é o nome desse texto que, em sua forma de pergunta, retoma provocativamente o título de um “célebre panfleto publicado por Leyla-Perrone Moisés, em 1996, na **Folha de S. Paulo**, recolhido em livro quatro anos mais tarde” (ARAÚJO, 2016, p. 5)¹. O autor reconstrói a argumentação contraditória com que a estudiosa, citando Immanuel Kant de forma textualmente distanciada (ARAÚJO, 2016, p. 7)², alerta para a “agonia” da crítica literária na “pós-modernidade”, alardeando que “não pode existir crítica literária se não houver um conjunto de valores estéticos reconhecidos e, por conseguinte, um cânone de referência.” (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 341)³. Os textos apresentados na sequência contestam fundamentalmente essa afirmação peremptória da estudiosa, oferecendo o espaço necessário para uma reflexão com argumentos contundentes e meticulosas argumentações.

O primeiro dos “quatro tempos” dessa reflexão, intitulado Rituais do discurso crítico, de Luis Alberto Brandão, professor da UFGM, “busca descrever, de modo contrastivo, procedimentos que caracterizam o ritualismo textual dos discursos crítico e literário.” (BRANDÃO, 2016, p. 17)⁴.

*Universidade Federal de Minas Gerais (UFGM). Doutorando (bolsista CNPq) em Literaturas Clássicas e Medievais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFGM.

1 ARAÚJO, Nabil. **Que fim levou a teoria da crítica literária?** In: ARAÚJO, Nabil (Org.). **A crítica literária e a função da teoria: reflexão em quatro tempos**. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2016, p. 5-16.

2 ARAÚJO, Nabil. **Que fim levou a teoria da crítica literária?** In: ARAÚJO, Nabil (Org.). **A crítica literária e a função da teoria: reflexão em quatro tempos**. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2016.

3 PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Que fim levou a crítica literária?** In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Inútil poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 335-344.

4 BRANDÃO, Luis Alberto. Rituais do discurso crítico. In: ARAÚJO, Nabil (Org.). **A crítica literária e a função da teoria: reflexão em quatro tempos**. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2016, p. 17-35.

O autor desenvolve uma breve tipologia de procedimentos do ritualismo textual que diferenciariam o discurso crítico (caracterizado pela autorização, categorização e conclusividade) de forma bastante evidente daqueles que caracterizariam o discurso literário (cujas especificidades seriam antes a ficcionalidade, a identificação [nas particularidades] e a narratividade). Essa tipologia, no entanto, se vê complicada pelo questionamento sobre a possibilidade de certas modalidades textuais empregarem procedimentos típicos de um ritual no outro.

Para tentar oferecer respostas a tal questionamento, o autor recorre a obras que exercitam essas aproximações, propondo um exame que se detém “em alguns textos de **Instantâneas**, de Sarlo, em dois textos de **Emergências**, de Eltit, e nos ensaios ‘Ficção 80: dobradiças e vitrines’, ‘Ego-trip: uma pequena história das metamorfoses do sujeito lírico’ e ‘Escalas e ventríloquos’, de Flora Süssekind.” (BRANDÃO, 2016, p. 23)⁵. O exame, articulado no interior de um texto de caráter ensaístico e experimental, sugere interessantes considerações sobre os limites entre o crítico (principalmente em sua vertente acadêmica) e o literário (compreendido como discurso ficcional), empregando uma metalinguagem radical que chega inclusive a projetar algo da recepção do texto em seu próprio ato de produção.

O texto seguinte, O sequestro da crítica na teoria literária (à) brasileira, é também de Nabil Araújo. Tão provocativo quanto o primeiro (como se vê em sua retomada do título de um livro polêmico de Haroldo de Campos), esse texto investiga ainda a questão da crítica, voltando sua atenção para a instituição da Teoria Literária no Brasil. Reconstruindo esse momento por meio de uma rede de textos fundamentais – da autoria de Afrânio Coutinho, Roberto Acízelo de Souza e Luiz Costa Lima, principalmente –, o estudioso mostra as raízes profundas do debate que esses intelectuais conduziram: a **Crítica da Faculdade do Juízo** (1790), de Kant, que, oferecendo certa autonomia ao campo da estética de seu tempo, lhe retira qualquer pretensão a um conhecimento racional; o formalismo russo, em sua preocupação com “a literariedade, pensada como atributo geral das obras literárias, [...] em detrimento mesmo da crítica literária” (ARAÚJO, 2016, p. 43)⁶; o *New Criticism*, principalmente a partir do célebre manual de René Wellek e Austin Warren, **Theory of Literature** (1949), que apresenta “uma verdadeira metodologia da crítica literária” (ARAÚJO, 2016, p. 37)⁷; estudiosos da poética estrutural na França, que sugerem uma relação de complementaridade entre as áreas da poética e da crítica para os Estudos Literários, como Tzvetan Todorov e Lubomir Dolezel (ARAÚJO, 2016, p. 43-4)⁸; entre outros. Como se vê, a rede de referências é bastante ampla, mas o autor remonta habilmente esse debate e, apontando os principais pontos de tensão nos projetos disciplinares de instituição da Teoria Literária no Brasil, propõe uma operação teórico-historiográfica como uma possível resposta à aporia da situação atual nesse campo de estudos (ARAÚJO, 2016, p. 50-55)⁹. Detalhes sobre essa “operação teórico-

5 BRANDÃO, Luis Alberto. Rituais do discurso crítico. In: ARAÚJO, Nabil (Org.). **A crítica literária e a função da teoria**: reflexão em quatro tempos. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2016.

6 ARAÚJO, Nabil. O sequestro da crítica na teoria literária (à) brasileira. In: ARAÚJO, Nabil (Org.). **A crítica literária e a função da teoria**: reflexão em quatro tempos. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2016, p. 35-56.

7 ARAÚJO, Nabil. O sequestro da crítica na teoria literária (à) brasileira. In: ARAÚJO, Nabil (Org.). **A crítica literária e a função da teoria**: reflexão em quatro tempos. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2016, p. 35-56.

8 ARAÚJO, Nabil. O sequestro da crítica na teoria literária (à) brasileira. In: ARAÚJO, Nabil (Org.). **A crítica literária e a função da teoria**: reflexão em quatro tempos. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2016, p. 35-56.

9 ARAÚJO, Nabil. O sequestro da crítica na teoria literária (à) brasileira. In: ARAÚJO, Nabil (Org.). **A crítica literária e a função da teoria**: reflexão em quatro tempos. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2016, p. 35-56.

historiográfica” são desenvolvidos no último texto do volume, também da autoria de Nabil Araújo.

No terceiro dos “quatro tempos” dessa reflexão, o professor da Unicamp, Fabio Akcelrud Durão, volta-se para o debate daquilo que é chamado nos E.U.A. de *Theory* [Teoria]. O autor oferece um texto que, contextualizado no interior de uma obra maior já dedicada ao assunto (tal como no livro, publicado em 2011, **Teoria (literária) americana: uma introdução crítica**), é descrito pelo organizador do volume, em seu texto introdutório, com as seguintes palavras: “trata-se, com efeito, de 20 fragmentos ‘em torno’ da Teoria, suas questões, seus desdobramentos, os quais, apesar de numerosos em sequência, não se encontram lógica ou estruturalmente ordenados por qualquer princípio externo a si próprios.” (ARAÚJO, 2016, p. 12)¹⁰. O texto intitula-se: Em torno da teoria americana – antologia fragmentária. Ele incorpora em sua estrutura vários dos temas sobre os quais trata – como a produção de conhecimento em massa, a estranha lógica da objetificação, o individualismo e a polivalência no sistema capitalista recente *etc.* – e, criticando profundamente as tensões do sistema acadêmico estadunidense, oferece reflexões que se aplicam também à realidade brasileira. Ainda que o autor se exponha ao risco de talvez sugerir uma comparação, algo presunçosa, entre sua própria posição (como crítico da sociedade capitalista estadunidense) e aquela ocupada por Theodor Adorno – de quem cita uma frase contida justamente num livro de “fragmentos”, **Minima Moralia**¹¹ –, seu texto é a manifestação mais acabada da heterogeneidade que perturbaria qualquer tentativa de se compreender a *Theory* sob uma etiqueta homogeneizante.

O último tempo da reflexão é ocupado mais uma vez por Nabil Araújo, com o seguinte texto: Escrever a história da crítica agora? (A historiografia e o “tempo presente” da crítica). Como seu título bem o indica, trata-se de uma retomada daquilo que subjaz a seus dois outros textos: a preocupação com a possibilidade da crítica literária contemporaneamente, levando-se em conta suas mútuas relações e tensões com a teoria da literatura e a historiografia da crítica. O autor retoma os argumentos de uma discussão estadunidense – entre René Wellek, Dominick LaCapra e Jonathan Culler – sobre as maneiras por meio das quais esses diferentes campos do conhecimento poderiam se relacionar para oferecer uma arena efetiva de debate. A *Theory* surge aí mais uma vez como ponto fundamental do que está em questão para esses estudiosos e a importância de Jacques Derrida é apontada com razão por Nabil Araújo, tanto em sua atuação nos debates que precederiam o surgimento da *Theory* – ainda na década de 60 –, quanto para seus desdobramentos imprevisíveis – mais de duas décadas depois. Esse debate de ideias é reconstruído a partir dos jogos de força instaurados principalmente entre os textos desses autores e – numa conversão interessante para apontamentos sobre “os mecanismos do processo de apropriação / assimilação / aculturação de eventos do passado a serviço de objetivos diversos no presente” (ARAÚJO, 2016, p. 103)¹², com base nas obras de Nietzsche, Kuhn e questionamentos a Foucault – o autor mostra como a questão se aplica ainda à situação da crítica literária contemporânea. Nesse sentido, o volume, que é aberto com a constatação apocalíptica de Leyla Perrone-Moisés sobre o desaparecimento

10 ARAÚJO, Nabil. **Que fim levou a teoria da crítica literária?** In: ARAÚJO, Nabil (Org.). *A crítica literária e a função da teoria: reflexão em quatro tempos*. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2016, p. 5-16.

11 DURÃO, Fabio Akcelrud. *Em torno da teoria americana – antologia fragmentada*. In: ARAÚJO, Nabil (Org.). **A crítica literária e a função da teoria: reflexão em quatro tempos**. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2016, p. 57-76.

12 ARAÚJO, Nabil. *Escrever a história da crítica agora? (A historiografia e o “tempo presente” da crítica)*. In: ARAÚJO, Nabil (Org.). **A crítica literária e a função da teoria: reflexão em quatro tempos**. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2016, p. 77-108.

iminente da crítica (ARAÚJO, 2016, p. 6)¹³, encontra na sugestão da emergência de uma nova espécie de historiografia da crítica – “a espécie *teratológica*, identificada com a reconstituição não do passado da crítica, mas de sua *monstruosa possibilidade de futuro*” (ARAÚJO, 2016, p. 107)¹⁴ – uma indicação de via para a própria *vida* da crítica. A via que suas propostas abrem ao porvir constitui uma profunda “reflexão em *cinco* tempos”.

Levando em consideração a unidade formada por seus cinco textos, **A crítica literária e a função da teoria** vem compor o panorama da fortuna crítica disponível a quem se interesse pelos estudos literários no Brasil. Com textos bem articulados, propostos por professores reconhecidos por uma carreira dedicada a esse campo de estudos universitários, o livro apresenta uma estrutura a um só tempo aberta e bem articulada. Ao incorporar formalmente aspectos da estética do fragmento e da montagem (tal como tratados tematicamente pelos autores), enquanto elenca e desenvolve argumentos solidamente concatenados, essa obra se revela fundamental para quem queira se posicionar atualmente na arena de debates sobre as relações entre teoria, crítica e história da literatura.

Recebido:24/11/2017

Aceito:24/04/2018

13 ARAÚJO, Nabil. **Que fim levou a teoria da crítica literária?** In: ARAÚJO, Nabil (Org.). *A crítica literária e a função da teoria: reflexão em quatro tempos*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2016, p. 5-16.

14 ARAÚJO, Nabil. *Escrever a história da crítica agora? (A historiografia e o “tempo presente” da crítica)*. In: ARAÚJO, Nabil (Org.). **A crítica literária e a função da teoria: reflexão em quatro tempos**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2016, p. 77-108.